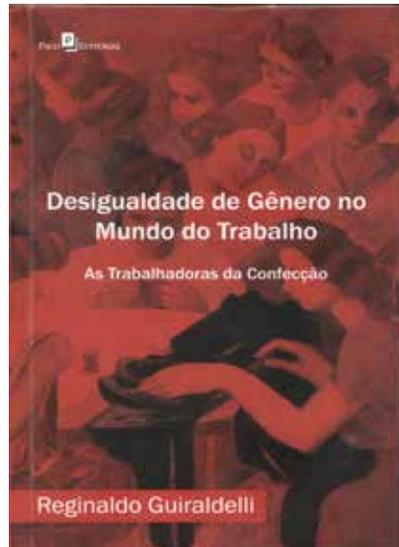


Desigualdade de gênero no mundo do trabalho: as trabalhadoras da confecção /  
*Gender inequality in the world of work: the working of the confection*

MIRIAM DE SOUZA LEÃO ALBUQUERQUE<sup>1</sup>

GUIRALDELLI, REGINALDO. **Desigualdade de gênero no mundo do trabalho: as trabalhadoras da confecção.** Jundiaí-SP: Paco, 2016-292p.

Reginaldo Guiraldelli é um intelectual da nova geração do Serviço Social que, assim como outras pesquisadoras assistentes sociais que discutem a reestruturação produtiva à luz da divisão sexual do trabalho contribui, de forma crítica e consistente para a compreensão das transformações do mundo do trabalho na atualidade brasileira (CISNE, 2012; CYRINO, 2012; DIAS, 2010; NOGUEIRA, 2006; TEIXEIRA; ALVES, 2015).



<sup>1</sup> Assistente Social pela UFPE. Mestra em Educação pela Unicamp e doutora pela UFPE. Atualmente é professora efetiva da Universidade de Brasília no Departamento de Serviço Social-SER. E-mail: miriamsla@unb.br

A abordagem do livro “Desigualdade de gênero no mundo do trabalho: as trabalhadoras da confecção” fez parte de doutorado do autor, sugestivamente intitulada Mulheres que tecem a vida, que analisou, de 2007 a 2010, a inserção das trabalhadoras formais e domiciliares na indústria da confecção em Divinópolis (MG).

O livro oferece importante contribuição para a comunidade acadêmica das ciências sociais e humanas interessada no debate sobre trabalho e relações de gênero, tendo como pano de fundo as contradições e expressões da questão social nos tempos atuais. Para o autor, “o trabalho, compreendido em sua dimensão concreta, como atividade essencialmente humana e núcleo efetivo do ser social, é responsável pela criação da realidade de homens e mulheres, contribuindo como elemento organizador da vida societária, para atender às necessidades fundamentais da reprodução humana”. (GUIRALDELLI, 2016, p. 33).

A convergência entre os estudos de gênero e os estudos do trabalho se iniciou no final do século XX ao fragor da reestruturação produtiva e seus efeitos perversos sobre trabalhadores e trabalhadoras, e se intensificou no início do século XXI, com o frutífero debate sobre as particularidades da inserção feminina no mundo do trabalho capitalista (YANNOULAS, 2013). Este livro nos apresenta, de forma sistematizada e didática, a intrínseca relação entre a feminização e precarização do trabalho no atual contexto da indústria têxtil.

A discussão acerca do mundo do trabalho na contemporaneidade deflagra um contexto temeroso de grave e intensa acumulação capitalista, em que a mão de obra feminina é alvo de expressões violentas, instáveis, temporárias e inseguras de exploração. As mulheres trabalhadoras das confecções da cidade de Divinópolis, em Minas Gerais, padecem das vicissitudes do trabalho precarizado: “essa *precarização sexuada do trabalho* se dá no espaço da produção e da reprodução, considerando as desigualdades ocupacionais e salariais no mundo produtivo entre homens e mulheres, como é o caso do setor da confecção/vestuário e também na distribuição desigual das atividades domésticas não remuneradas” (GUIRALDELLI, 2016, p. 113, grifo do autor). Desse modo, não apenas o trabalho, mas também a vida das mulheres é precarizada.

Ao partir do pensamento marxiano e da tradição marxista, o autor insere o leitor no debate crítico da questão social<sup>2</sup> tão relevante para o Serviço Social nos dias de hoje. Seu fundamento – a profunda reflexão teórica das pensadoras da Sociologia do Trabalho e as relações de gênero já consideradas clássicas na literatura sobre o tema (HIRATA, 2002; KERGOAT, 2009; SAFFIOTI, 2004; SOUZA-LOBO, 2011) instiga o leitor à reflexão sobre o tema gênero/sexo buscando romper com a abordagem biologista, que passa a ser apreendida como “constructo social, histórico e cultural no cerne de uma realidade contraditória e marcada por interesses antagônicos” (GUIRALDELLI, 2016, p. 96-97) dos dias atuais. O objeto de trabalho de Guiraldelli, portanto, fica delimitado nas relações de gênero/sexo sob a ótica da divisão sexual do trabalho.

O livro se encontra dividido em duas partes. Na primeira, são postas as questões teóricas, dialogando com autores que se dedicam ao estudo da nova morfologia do trabalho e sua centralidade na sociabilidade humana. É abrangida a configuração e os desdobramentos deste novo formato, com suas desregulações nas mais distintas esferas do mundo produtivo, cuja reestruturação acarreta assimetria nas relações sociais – estas tangenciadas pelas desigualdades de gênero/sexo e todas as repercussões nas vidas das categorias profissionais da classe trabalhadora diante da nova divisão sociotécnica da produção. E, na segunda parte, é analisada a inserção, formal e informal, do trabalho feminino da confecção da indústria têxtil, bem como as estratégias de sobrevivência das mulheres tanto nos espaços dessa indústria, como na atividade laboral exercida em domicílio no mencionado município mineiro.

Guiraldelli se utiliza da metodologia da História Oral. A partir das histórias narradas por dez entrevistadas (cinco trabalhadoras formais e cinco domiciliares da indústria da confecção), alguns aspectos relevantes e recorrentes na vida dessas mulheres foram evidenciados: por exemplo, o fenômeno migratório, as dificuldades financeiras, a inserção precoce no mundo do trabalho, o abandono escolar, a existência da hierarquia nas relações de gênero/sexo. Observou-se, ainda,

---

2 Para o autor, a questão social é compreendida no processo de acumulação e reprodução ampliada do capital, na dinâmica da luta de classes que envolve sujeitos que vivenciam as desigualdades sociais e a ela resistem e se opõem.

que estas mulheres tecem suas vidas, projetam sonhos, criam e recriam estratégias de sobrevivência em um contexto marcado pela extrema intensificação capitalista do trabalho e, paralelamente, pela *precarização sexuada do trabalho*, que tem efeitos objetivos e subjetivos na vida destas trabalhadoras: desgastes e adoecimentos, entre outros.

### Consideração final

Sem a pretensão de esgotamento, o livro problematiza a incorporação da força de trabalho feminina na confecção têxtil sob a ótica da divisão sexual do trabalho no neoliberalismo tendo, como pano de fundo, o agravamento da questão social nos dias atuais e as complexas engrenagens do capital. Ao dizer de Giovanni Alves na contracapa: o livro contribui para desfeticizar o mundo social vivido no trabalho, agindo contrário aos ocultamentos e às manipulações das pessoas, especialmente, das mulheres trabalhadoras.

### Referências

- CISNE, Mirla. **Gênero, divisão sexual do trabalho e serviço social**. São Paulo: Outras Expressões, 2012.
- CYRINO, Rafaela. **Mulheres executivas: a divisão do trabalho doméstico à luz dos estereótipos de gênero**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.
- DIAS, Marly de J. S. D. **Feminização do trabalho no contexto da reestruturação produtiva: rebatimentos na saúde pública**. São Luis: Edufma, 2010.
- KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In; HIRATA, Helena et al. **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Unesp, 2009, p. 67-75.
- NOGUEIRA, Cláudia M. **O trabalho duplicado: a divisão sexual no trabalho e na reprodução**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.
- SOUZA-LOBO, Elisabeth. **A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência**. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.

TEIXEIRA, Marlene; ALVES, Maria E. R. (Orgs.). **Feminismo e gênero: desafios para o Serviço Social**. Brasília: Abaré, 2015.

YANNOULAS, Sílvia C. (Coord.). **Trabalhadoras**. Brasília: Abaré, 2013.